

Introdução

A filosofia de Leibniz é bastante conhecida por duas características marcantes. Primeiro, pela adoção de diversos princípios, que fundam, em grande medida, o núcleo do pensamento leibniziano. Em segundo lugar, pela linguagem, muitas vezes adaptada de acordo com o seu interlocutor mais imediato. A dificuldade que decorre de tais características, e que enfrentaremos nesta dissertação, é a de coadunar as afirmações do filósofo, que podem ter diferentes interpretações em virtude do seu uso não rigoroso dos termos, com aqueles mesmos princípios que organizam e abrangem todas as demais teses de seu pensamento.

Posto isto, o tema central deste trabalho é o conceito leibniziano de apercepção e a sua relação com o princípio do contínuo.

Leibniz, diferentemente de outros filósofos do século XVII, distinguia os conceitos de percepção e de apercepção, de maneira que a consciência, associada ao segundo, não era por ele tomada como uma característica intrínseca do primeiro. Contudo, o sentido preciso do conceito de apercepção não nos é fornecido pelo filósofo, já que mesmo as passagens aparentemente mais claras a seu respeito são sujeitas a diferentes interpretações, como mostraremos adiante.

Entretanto, o nosso objetivo não será uma investigação exaustiva de tal conceito, mas, antes, extrair dele um sentido próprio a partir do problema leibniziano da consciência. Para tanto, nosso trabalho se debruçará de maneira especial sobre o artigo de Larry Jorgensen, *The Principle of Continuity and Leibniz's Theory of Consciousness*, a quem devemos a formulação clara e explícita desse problema, bem como sobre os artigos de Rocco Gennaro e Alison Simmons, que dialogam diretamente com aquele¹. Além desses autores, as interpretações de Robert McRae, Mark Kulstad e Robert Brandom também serão

¹ Cf. JORGENSEN, Larry M. The Principle of Continuity and Leibniz's Theory of Consciousness. **Journal of the History of Philosophy**, v. 27, n. 2, 2009, p. 233-248; GENNARO, Rocco J. Leibniz on Consciousness and Self-consciousness. In: **New Essays on the Rationalists**, GENNARO, Rocco J.; HUENEMANN, Charles (Eds). New York: Oxford University Press, 1999, p. 353-371; SIMMONS, Alison. Changing the Cartesian Mind: Leibniz on Sensation, Representation and Consciousness. **The Philosophical Review**, v. 110. n. 1, 2001, p. 31-75.

importantes para a elucidação de algumas dificuldades conceituais², que devem ser analisadas, antes de focarmos plenamente o problema da consciência. Os principais textos de Leibniz que analisaremos ao longo da dissertação são *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*, *Princípios da Natureza e da Graça Fundados na Razão* e *Monadologia*. Contudo, outros textos também serão consultados e citados, conforme a ocasião.

Para se compreender o problema leibniziano da consciência é necessário dar uma explicação, ainda que breve, do princípio do contínuo³. Este reza que na natureza não há “saltos” e que, portanto, a passagem de um estado a outro é preenchida por infinitos estados intermediários. Em outros termos, uma série é contínua se, e somente se, para duas instâncias quaisquer, há sempre uma instância intermediária; esse requisito é nomeado pelos comentadores de Leibniz como o requisito da densidade⁴.

O princípio do contínuo, assim, aplicado à teoria da consciência, demanda que qualquer mudança de um estado não consciente para um estado consciente se dê de forma que haja uma infinidade de estados intermediários que preencham a transição. Nesse sentido, o contínuo relativo à consciência se desdobra da seguinte maneira, segundo foi sugerido por Jorgensen:

(1) *For any transition from conscious mental state p_1 to an unconscious mental state p_2 of a given substance s , there will be a third perceptual state occupying the middle ground between them (This will be the case of internal density, satisfying the spatiotemporal density requirement).*⁵

² Cf. McRAE, Robert. **Leibniz: Perception, Apperception, and Thought**. Toronto: University of Toronto Press, 1976; KULSTAD, Mark A.. **Leibniz on Apperception, Consciousness, and Reflection**. München: Philosophia, 1991; BRANDON, Robert B. Leibniz and Degrees of Perception. **Journal of the History of Philosophy**, v.19, n. 4, 1981. p.447-479.

³ O princípio do contínuo, em sua real complexidade, será mais explorado adiante. Ver: p.30.

⁴ “Thus, we can operate on the following condition: a series is continuous if and only if, for any two instances (or points in the series), there is an intermediate instance (or point in the series). [...] Call this the **density requirement**.” (JORGENSEN, 2009, p. 226. Grifo nosso.). Cf. CROCKETT, Timothy. Continuity in Leibniz's Mature Metaphysics. **Philosophical Studies**, v. 94, 1999. p. 119-138; LEVEY, Samuel. Matter and Two Concepts of Continuity in Leibniz. **Philosophical Studies**, v. 94, 1999. p.81-118.

⁵ JORGENSEN, 2009, p. 233.

Desse modo, toda transformação no plano da consciência, assim como na natureza, se dá de maneira contínua, sempre havendo, portanto, graus intermediários que possibilitam essa mesma transformação.

Contudo, apesar da afirmação de que os estágios intermediários são sempre ocupados por certos estados perceptivos, em princípio nada haveria naqueles que implique que sejam também graus de consciência, e, com isso, que a consciência, enquanto tal, devesse por graus. Antes, a ideia de estágios intermediários envolve apenas o princípio do contínuo, que não permite a existência de saltos, de modo que se poderia afirmar que a consciência é um acontecimento do tipo “tudo ou nada”, e que, embora houvesse estágios intermediários (não conscientes) entre um estado não consciente e um estado consciente, este último surgiria por conta de outros fatores. Assim, poder-se-ia concluir que a consciência ocorreria, em certa medida, independentemente de tais estágios intermediários.

Entretanto, a aceitação da consciência como um acontecimento do tipo “tudo ou nada” gera uma contradição dentro da teoria leibniziana do contínuo. Ainda segundo Jorgensen, a consciência, assim entendida, não cumpre o requisito da densidade, exigido pelo princípio do contínuo. De fato, dados dois estados perceptivos quaisquer, sendo um consciente e outro não, não haveria nenhum estágio intermediário entre eles, o que romperia o requisito da densidade e, portanto, geraria uma descontinuidade. Assim, o problema leibniziano da consciência consiste na possível contradição envolvida em aceitar a consciência como um acontecimento descontínuo, uma vez que o próprio filósofo defende o princípio do contínuo aplicado aos estados perceptivos. Como bem resume Jorgensen:

To put it briefly, the principle of continuity requires that there be no gaps in the natural order, but consciousness and unconsciousness, understood as all-or-nothing phenomena, introduce just these kind of gaps.⁶

Destarte, o problema leibniziano da consciência tem como ponto nodal o sentido atribuído a esta última, ou seja, como algo que compreende, ou não, uma descontinuidade. Isto significa, em outros termos, que, dado que a consciência para Leibniz tem estreita ligação com a apercepção, investigar se aquela é um evento descontínuo é o mesmo que investigar o lugar da apercepção dentro do

⁶ JORGENSEN, 2009, p. 234.

fluxo contínuo de percepções, isto é, se ela também envolve, ou não, uma descontinuidade. Dessa forma, analisaremos as interpretações que visam solucionar tal questão, a partir das leituras que fazem desse conceito-chave.

De acordo com Jorgensen, há três maneiras de compreender a apercepção e, portanto, de explicar a consciência.

Em primeiro lugar, pode-se conceber a apercepção como idêntica às percepções distintas, de forma que a consciência estaria presente em maior ou menor grau em todas as percepções de todas as substâncias⁷. Tal interpretação é, chamada de *Consciousness all the way down*. De acordo com ela, salvaguardar-se-ia o contínuo, uma vez que todos os estados intermediários seriam estados conscientes. Como afirma Jorgensen:

*One way to respond to this problem is to allow that consciousness comes in degrees, and that consciousness goes all the way down. That is to say, all substances are conscious to some degree or another, and all perceptions of a substance are conscious to some degree or another. If this is true of Leibniz's theory of consciousness, then there would be no problem with the principle of continuity, since all intermediate states in a given substance would be conscious states, and all intermediate substances between any two substances would be conscious substances, to the appropriate degree.*⁸

Todavia, tal solução deve ser quase de imediato descartada, uma vez que há passagens suficientemente claras nas quais Leibniz rejeita a possibilidade de a consciência ter tamanha abrangência. De fato, a seguinte passagem dos *Princípios da Natureza e da Graça* é bastante contundente:

⁷ Jorgensen atribui essa posição a Montgomery Furth, presente em seu artigo *Monadology*, referido na bibliografia. De fato, algumas passagens do artigo de Furth dão margem a essa interpretação, como, por exemplo: “[...] any other monad which is conscious of the entirety of its universe to a uniform degree, whatever that degree may be, will lack a ‘point of view’ on its universe in the sense of ‘point of view’ that we tried to understand by considering phenomenal perspective. It will not be it as if it had, or was observing from, any location; it will be ‘everywhere’ just as God is, only dimmer.” (FURTH, Montgomery. *Monadology*. In: **G.W. Leibniz: Critical Assessments**, WOOLHOUSE, R.S. (Ed.). London: Routledge, 1994. p. 17-18); e “In the light of the foregoing, it seems that the numerical diversity of harmonious monads can reside only in differences in the clearness or degrees of consciousness with which they experience various portions of their universe(s); if Leibniz’s talk of ‘perspective’ comes to anything, it must come to this. It follows that in describing an individual monad, it is necessary to specify not merely what it perceives [...] but in addition the intensity or clarity with which it perceives each part of it.” (Ibid., p. 19).

⁸ JORGENSEN, 2009, p. 234. Brandom faz uma crítica análoga à posição de Furth: “Yet there are some difficulties attendant on the identification. Since for Furth monads are distinguished from one another by the degrees of their perceptions rather than by the objects of those perceptions (which would be the same for all the monads in a world), it follows that there can be at most one monad so ‘bare’ that it is without even the dullest consciousness of its perceptions.” (BRANDOM, 1981, p. 451).

*Ainsi il est bon de faire distinction entre la perception qui est l'état intérieur de la Monade représentant les choses externes; el l'Apperception, qui est la conscience ou la connaissance reflexive de cet état intérieur, laquelle n'est point donnée à toutes les Âmes, ni toujours à la même Âme.*⁹

Da mesma maneira, a seguinte passagem dos *Novos Ensaio*s:

Não estamos nunca sem percepções, mas é necessário que estejamos muitas vezes sem apercepções. Isso ocorre quando não existem percepções distintas.¹⁰

Uma segunda solução seria considerar a apercepção como uma percepção de segunda ordem, que, quando presente, acarreta um estado de consciência. Nas palavras de Rocco Gennaro, “[...] *the best explanation for what makes a mental state conscious is that it is accompanied by a thought (or awareness) that one is in that state*”¹¹. Essa solução é baseada assim na tese do *higher-order thought* (ou, simplesmente, HOT), isto é, de que a consciência é um evento ocasionado pela presença de um pensamento superior, ou de segunda ordem.

O principal problema que os defensores da tese do HOT enfrentam é o de compatibilizar a visão de que a consciência é um tipo de percepção que se dá fora da série contínua de percepções com essa mesma série, ou seja, com o princípio do contínuo. Segundo essa posição, teríamos percepções contínuas, porém, em certos momentos, determinadas percepções, isto é, pensamentos que refletem a consciência acerca daquelas primeiras percepções, simplesmente surgiriam, sendo isso suficiente para explicar o acontecimento de um estado de consciência. Dessa forma, podemos dizer que a tese do HOT garantiria a consciência como um acontecimento do tipo “tudo ou nada”, apesar de acarretar um problema, que consideramos mais grave para a teoria leibniziana da consciência, que é o de romper com o princípio do contínuo.

A terceira solução, que é a defendida por Jorgensen, consiste em considerar a apercepção como sinônima da consciência e como uma consequência do grau de distinção envolvido em determinadas percepções. Essa interpretação é chamada de *first-order theory*. De acordo com ela, a consciência é entendida como relativa a graus, o que permite a manutenção do princípio do contínuo, já que se admitem estágios intermediários na passagem de um estado não consciente para um

⁹ PNG, p. 35-37. Grifo nosso.

¹⁰ NE, II, 19, p. 114

¹¹ GENNARO, 1999, p. 353.

consciente. Contudo, uma forte objeção é levantada contra essa solução: se a consciência é, plenamente, fruto de graus, então, deve-se admitir que toda a série de percepções é consciente; ou seja, nada poderia explicar a mudança de natureza de um estado não consciente para um consciente, devendo-se, portanto, afirmar que todas as percepções são conscientes em algum grau. Assim, apesar de resguardar o princípio do contínuo, a posição defendida por Jorgensen, ao rejeitar a consciência como um acontecimento do tipo “tudo ou nada”, cairia no embaraço de propor a mesma resposta que a primeira solução, a saber, a de tomar a consciência como presente a todo o momento e em todas as substâncias, apesar das passagens explícitas nas quais Leibniz rejeita tal tese.

Posto isso, fica claro que o problema da consciência é um problema fundamental para o pensamento leibniziano como um todo, uma vez que, dependendo da interpretação fornecida para o importante conceito de apercepção, ela pode gerar uma contradição interna entre teses naquele afirmadas. Nesse sentido, deve ser buscada uma interpretação que melhor dê conta das dificuldades envolvidas no conceito de apercepção, ou seja, que, além de ser compatível com o texto de Leibniz, o seja também com seu pensamento em geral, isto é, não engendre contradições neste.

Pelo que vimos, as três soluções apresentadas para tal problema se reduzem a duas: ou bem a apercepção é uma percepção de segunda ordem, como afirmam os defensores da teoria do HOT, ou bem ela deve ser entendida a partir da distinção das percepções, como o fazem os defensores da *first-order theory*. A hipótese que buscaremos demonstrar nesta dissertação é a de que a segunda solução, isto é, a baseada nos graus de distinção, é a melhor solução, dado que, como veremos, as objeções a ela levantadas não a comprometem, isto é, não a fazem gerar uma contradição interna ao pensamento de Leibniz; antes, tais objeções dão apenas ensejo para um melhor desenvolvimento e formulação desta segunda solução.

Em outras palavras, o objetivo principal desta dissertação é o de defender a interpretação da consciência como relativa aos graus de distinção das percepções como a melhor interpretação do problema leibniziano da consciência. Contudo, não se pretende, com isso, dar conta de toda a filosofia da consciência (nem tampouco da percepção) de Leibniz. O nosso propósito é, antes, a partir da solução daquele problema, elucidar o conceito de apercepção e sua relação com o

princípio do contínuo. Ou seja, ao explicar o evento da consciência, explicar também a relação entre a apercepção e a percepção dentro da estrutura das mônadas.

A fim de atingir os nossos objetivos, iniciaremos este trabalho com uma exposição da teoria da percepção de Leibniz. Mostraremos as ideias básicas envolvidas nesta e aprofundaremos algumas questões mais pertinentes à nossa discussão, como a relação das sensações e das percepções ínfimas, e também o princípio do contínuo.

No segundo capítulo, discutiremos estes dois conceitos-chave para o problema da consciência, a saber, o de distinção e o de apercepção. Quanto ao primeiro, discutiremos algumas interpretações acerca de sua complexidade. Quanto ao segundo, mostraremos algumas dificuldades que a sua compreensão acarreta ao pensamento leibniziano, sob o aspecto terminológico, isto é, quanto a determinar se os conceitos de apercepção, consciência e reflexão são, ou não, idênticos. Contudo, não aprofundaremos este ponto, uma vez que tal estudo foge ao escopo do nosso trabalho, por demandar investigações que nos afastariam do nosso objetivo central. Veremos, contudo, que a solução do problema da consciência pode contribuir para tal investigação, fornecendo as bases para a compreensão dos conceitos de apercepção e consciência.

No terceiro e quarto capítulos, nos dedicaremos à análise, respectivamente, da teoria do *higher-order thought* e da *first-order theory*. Exporemos cada uma dessas interpretações, discutindo as objeções feitas a elas, bem como as soluções propostas.

Concluiremos a favor da *first-order theory*, afirmando que esta é preferível por não romper com o princípio do contínuo e por estar de acordo com outras teses leibnizianas. Mostraremos também que o evento da consciência é visto por Leibniz como análogo ao da fome e ao do movimento.